

O Cérebro Emocional e a Aprendizagem

Guilherme Pacheco

Nos últimos 10 anos, professores, administradores e pesquisadores em Educação lideraram uma série de mudanças educacionais que se enquadram em duas grandes áreas do conhecimento: a e os chamados 4 Cs da Educação (Comunicação, Colaboração, Criatividade e Criticidade).

Nossa educação ainda é muito fundamentada na aquisição de conhecimento, ou seja, no cérebro “cognitivo”. A educação do século XXI, tende a anular o afetivo e o psicomotor.

Deste ponto de vista, é interessante, por exemplo, ver as escolas ensinando *mindfulness* (a arte da atenção plena) a crianças de 4 ou 5 anos. Um educador antenado também deveria se perguntar: *“O que aconteceu com estas crianças para que tivessem desaprendido a respirar em quatro ou cinco anos de vida?”*

Outra perspectiva interessante sobre o cérebro nos é dada por Daniel T. Willingham. Daniel é um psicólogo e escreve sobre escolas e sobre a falta de interesse de crianças por elas. Ele se pergunta:

“Quais seriam as condições cognitivas para que se dê a aprendizagem?”

O que parece estar explícito na teoria de Willingham é que pensar (educar / instruir) requer um esforço extra da mente e corpo.

Do ponto de vista educacional, o pensar é uma função executiva que precisa ser desenvolvida. Entre as chamadas funções executivas estão: a organização, a metacognição, o gerenciamento de tempo, o planejamento, bem como o controle emocional.

O que a neurociência mostra muito bem para todos os educadores é que não nascemos com estas funções prontas. Por muito tempo, nossos pais ou cuidadores primários são nossos “cérebros auxiliares”. Professores de crianças têm que entender que parte da responsabilidade de ensinar inclui também ajudar estas crianças a desenvolverem estas habilidades, ou seja, pensarem também na neuroeducação.

Muitas pessoas pensam que a capacidade para o desempenho acadêmico é definida desde muito cedo, porém isso pode mudar de forma dramática durante a adolescência. Sendo assim, a forma como se trabalha na escola, colocando o aluno no centro do processo de aprendizagem, e o quanto de atenção se recebe nesse período fazem uma grande diferença na resposta do adolescente frente ao desempenho acadêmico.

A maneira como o adolescente vê o mundo é consequência de um cérebro que está em plena transformação, que segue um cronograma. Tais mudanças os levam a ter mais autoconsciência, a estarem dispostos a correr mais riscos e assumir comportamentos motivados pelos colegas.

Um ponto importante que pais e professores precisam considerar é que o comportamento do adolescente não é simplesmente o resultado de decisões ou atitudes, é o produto de uma fase de mudanças neurais intensas e inevitáveis. Isso justifica um pouco como funciona o cérebro do adolescente, cabendo, portanto, estarmos cientes desse processo e auxiliar os adolescentes a atravessar essa onda de emoções de forma saudável e construtiva.

Anos de experiências como professor e psicoterapeuta não deixam dúvida: a sala de aula é um ambiente intensamente emocional. Nossa habilidade de pensar está enraizada na experiência física. O processo ensino-aprendizagem é suficientemente complexo para que as emoções sejam deixadas dentro de mochilas num canto da sala de aula, enquanto a aula acontece.